

## *Vinte Horas de Liteira*

– E, depois, peço licença – continuou António Joaquim – para ponderar que as tuas fantasias romanescas são, na maior parte, desnaturais e falsas.

– Ora essa!...

– Espanta-te; mas não te agastes com esta rudeza. Sabes que eu leio os teus romances: é o máximo sacrifício que posso fazer-te das minhas horas de repouso. Em louvor dos teus livros, basta dizer-te que os leio. Prendem-me a curiosidade uns paradoxos de virtude que tu estendes a trezentas páginas. Já fizeste chorar minha mulher: quase que ma ias fazendo nervosa! Foi-me preciso dizer-lhe que tu mentias como dois ministérios, e que timbravas em ter tini estilo de cebola ou de mostarda de sinapismos que faz rebentar chafarizes de pranto. Nem assim consegui desacreditar-te! Assim que sai romance teu, minha mulher, combinada com o editor, seca-me a paciência, até que o livro chega de Braga entre um papelicho de açúcar, e o saco do arroz. A pobre mulher começa a chorar no título; estremoita-se a ler; e, ao outro dia, está desolhada, e amarela como as doze mulheres tísicas, que tens levado à sepultura num rio de lágrimas. Tens romances, meu amigo, que mentem desde o título. Comecei, pouco há, a ler um que se chama: «A mulher que salva».

– Então – acudi eu – que tem esse título?

– Não tem senso comum.

– Estou pasmado!... Pois a mulher que salva...

– Não há mulher nenhuma que salve. Homem perdido por uma, não pode ser salvado por outra.

(,,)

– Entendo. Coisa que salve há uma só: é a experiência das mulheres que perdem. Ainda há uma outra, que não ousa dizer-te com medo que me julgues um zombeteiro de mau gosto.

– Que coisa é essa?... diz lá!

– É uma égua brava.

– Uma égua brava?! Que mangação!

– Ouve lá a história de uma *égua que salva*.

Há uma discussão sobre o fazer literário e uma inversão de papéis: e o amigo, António Joaquim, que conta histórias ao romancista